

CREATIVE PROCESSES WITH VISUAL *STORYTELLING*: Images that tell stories about themselves

Juliana Patricia Silva de Faria¹

jullypatricia.faria@gmail.com

Resumo

Este artigo pretende apresentar a proposta de um projeto de pesquisa em que se dará uma investigação de uma ação educativa, com uso da ferramenta de *storytelling visual* nas aulas de artes, com estudantes da Educação de Jovens e Adultos. A investigação pretende responder à seguinte questão: O *storytelling visual*, no contexto da arte ampliada na perspectiva da cultura visual, pode ser um recurso para desenvolver processos de subjetivação de estudantes na Educação de Jovens e Adultos? Utilizaremos, como referências bibliográficas, autores que pesquisaram a influência do *storytelling* na educação, tais como Allen (2000), Acheson (2000), Pettigrew (1997) e Kobori (2019). Como metodologia utilizaremos uma abordagem narrativa autobiográfica, tendo o diário de aula como foco de investigação, e ainda elementos da artografia, tendo em vista que a pesquisa abordará narrativas por meio da construção de visualidades. Nesta direção, será desenvolvida uma sequência de aulas tendo como objetivo geral desenvolver processos de subjetivação dos/das estudantes da EJA a partir do uso da ferramenta *storytelling visual* no ensino de arte, resultando na construção de uma proposta pedagógica.

Palavras-chave: Storytelling Visual; Memórias; Narrativa autobiográfica; Ensino de arte; Diário de aula.

Abstract

The research presented proposes the investigation of a proposal for an educational action using the visual storytelling tool in art classes with students of Youth and Adult Education. The investigation intends to answer the following question: Can visual storytelling, in the context of expanded art from the perspective of visual culture, be a resource to develop processes of subjectivation of students in Youth and Adult Education? We will use, as bibliographical references, authors who researched the influence of storytelling in education, such as Allen (2000), Acheson (2000), Pettigrew (1997) and Kobori (2019). As a methodology, we will use an autobiographical narrative approach, having the class diary as the focus of investigation, and also elements of artography, considering that the research will approach narratives through the construction of visualities. In this direction, a sequence of classes will be developed with the general objective of developing processes of subjectivation of the EJA students from the use of the visual storytelling tool in art teaching, resulting in the construction of a pedagogical material.

Keywords: Visual Storytelling; Memoirs; Autobiographical narrative; Art teaching; Class diary.

¹ Graduada em Pedagogia (CESUC), Artes Visuais (UFG), especialista em Pedagogia Empresarial (UFU), cursando Mestrado Profissional-PROFARTE/IFG-Campus Aparecida de Goiânia. Professora efetiva na Rede Municipal de Ensino de Caldas Novas, atualmente professora na modalidade de Educação de Jovens e Adultos e coordenadora pedagógica de artes e cultura na Secretaria Municipal de Educação. Tem interesse na área de concentração de processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.

A experiência construída ao longo da minha caminhada, enquanto professora de artes na rede municipal de ensino, principalmente observando os últimos dois anos em que vivemos um novo modelo de ensino remoto, amparado pelo uso de novas tecnologias, em que a prática do ter que inovar nas aulas virtuais devido a pandemia COVID19, me inclinou a buscar referências inovadoras e criativas para a prática dos projetos de ensino em artes, me fez por muitas vezes lembrar das teorias pesquisadas ao longo do trabalho, especialmente das considerações de (DEWEY, 2010), que diz que para haver um trabalho criativo em arte, não podemos ser passivos diante de uma cena para que a mesma não nos domine, para que a falta de atividade nos faça não perceber aquilo que nos pressiona.

Ainda nesse caminhar, venho percebendo a importância que os alunos dão às narrativas de suas histórias de vida, especialmente aos sentidos subjetivos dessas narrativas. Quando falamos de EJA, estamos falando de alunos que ao longo da vida, por serem jovens e adultos, vivenciaram muitos acontecimentos que colaboraram para a sua formação e influenciaram na forma como aprendem e estabelecem relações intersubjetivas na vida escolar.

Ao falarmos de subjetividades, acho importante citar o conceito de subjetividade social apresentado por (BULHÕES, 2022), que diz que a subjetividade na perspectiva sociológica está relacionada a um conjunto estável de percepções sobre quem somos em relação a nós mesmos e aos outros e aos sistemas sociais. De forma que, as ideias e sentimentos que temos sobre nós mesmos definem nossa subjetividade.

Nesse sentido, ao longo da minha prática enquanto professora de artes, dialogo com o que diz Abramovich (1997, p. 23), ao argumentar que ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, “o *teatrar*”, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo, a mesma história ou outra. Diante o exposto é que lanço a pergunta, a qual busco respostas por meio dessa pesquisa: O *storytelling*, no contexto da arte ampliada na perspectiva da cultura visual, pode ser um recurso para desenvolver processos de subjetivação de estudantes na Educação de Jovens e Adultos?

Por que contar histórias com a ferramenta *storytelling*

Sabemos que narrativas contam histórias, no entanto, quando nos dispomos a contar as nossas histórias de vida, vamos além do simples ato de contar uma história qualquer, são histórias com particularidades e singularidades exclusivas. A potência de contar essas mesmas histórias de vida por meio de imagens alcança um novo viés de leitura. Segundo Kress (1997), a imagem torna algo explícito e expressa a informação de uma forma mais abrangente que os dados verbais. Diante dos estudos que realizei, o *storytelling*, que tem como etimologia (*story + tealling*), é o contar histórias objetivando aquisição, estruturação e transmissão do

conhecimento (ALLEN; ACHESON, 2000). *Storytelling* é mais que uma mera narrativa, antes é arte de contar histórias usando técnicas que transmitam a mensagem de forma impactante e criticamente capaz de proporcionar uma experiência de aprendizagem, que é capaz de inserir o estudante no contexto da experimentação cultural.

Ainda sobre o *storytelling*, Pettigrew (1997, n.p.) afirma que: “A técnica proporciona um melhor entendimento e explicita o contexto em que as ações estão ocorrendo conforme uma série de acontecimentos, resultados e características próprias onde tempo e história são aspectos centrais das análises dos processos”.

Nas palavras de Kobory (2019, n.p.): “O *storytelling* oportuniza uma aprendizagem a partir de situações de experiência autêntica, para potencializar as práticas pedagógicas e educacionais, com a construção de narrativas imersivas, mas que também possuem significados científicos, culturais, históricos e sociais”.

O protagonismo estudantil, segundo Sousa (1999), refere-se à atuação do aluno na escola, de maneira consciente, deliberada e com lugar de destaque em seu processo de aprendizagem. Tal referência está em consonância com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, que estabelece diretrizes normativas para o ensino da arte nas escolas a partir de abordagens contemporâneas para a aprendizagem, onde o aluno parte das suas experiências num tripé entre conhecimento, habilidade e atitude. Para o documento, a aprendizagem da arte precisa alcançar a experiência e a vivência artística como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. (BRASIL, 2018, p. 193)

Segundo Banks (2009), quando as imagens são produzidas pelos próprios participantes, eles têm uma conexão social e pessoal com a imagem, com isso passam a transmitir suas concepções de forma mais aberta e inventiva. Ainda para Goyatá e Teixeira (2012), o uso das produções visuais registra o processo de construção de histórias, criando um espaço alternativo para a produção do conhecimento, podendo favorecer a comunicação, a expressão, a percepção, a afetividade e a autonomia.

O *storytelling* tem sido usado como ferramenta de ensino na educação ao longo da história da educação de forma não revelada, porém, desde os anos 2000, alguns pesquisadores associam o seu uso ao sucesso de suas práticas. Kobory (2019), para ilustrar, salienta o uso da velha história contada por muitos professores de matemática para ensinar operações lógicas matemáticas:

É possível que em algum momento da sua vida você já tenha ouvido a história de Joãozinho e suas maçãs. Talvez, contada de modo diferente. Outro personagem, outra fruta, outra quantidade. Pode ser que Joãozinho nem tenha comido as maçãs. Mas, então, qual o intuito da jornada de Joãozinho e suas maçãs? É a própria história... Por isso, não é à toa que a história de Joãozinho e suas maçãs, mesmo contada de formas diferentes, é tão famosa. Isso porque só consegue atenção quem tiver a melhor história para contar. Imagine se retirarmos as maçãs, o Joãozinho e, até mesmo, o gosto da maçã. A história passaria apenas para uma equação fria: $5-1-2 = 3$ (KOBORY, 2019, p. 01)

O *storytelling visual* possibilita novos olhares para a narrativa e nesse sentido consegue provocar no estudante uma imersão que o estimula a perceber a sua realidade, possibilitando uma maior compreensão da poética da sua história, bem como seu potencial no processo crítico e criativo, saindo da mera explicação de conteúdos que muitas vezes não torna o estudante ativo em seu protagonismo. A ferramenta está estruturada como uma metodologia ativa² que permite a narrativa visual em processos de criação baseado nas artes, no processo educacional, incorporando elementos que proporcionam aos estudantes criatividade, senso crítico e interação.

Associar a ferramenta do *storytelling visual* ao ensino das artes, reconfigura a narrativa, pois permite por exemplo, que uma história como a do Joãozinho e as maçãs se torne visual. Imagine, por exemplo, o Joãozinho poder ser preto ou japonês, ser alto ou baixo, de olhos claros ou escuros, de acordo com o posicionamento de quem o criou. A proposta do *storytelling visual* se concentra na libertação da criatividade do aluno para contar suas próprias histórias, tornando o processo de construção da aprendizagem significativo.

Considerando minha trajetória profissional enquanto professora de artes na modalidade de educação de jovens e adultos, assim como os estudos que realizei em busca de melhorar a qualidade de minha prática profissional é que me proponho a pesquisa em busca de novas possibilidades, usando a ferramenta do *storytelling visual* aplicada ao ensino da arte, já que alguns pesquisadores de outras áreas já experimentaram, com resultados interessantes a ferramenta de *storytelling* em suas práticas educativas. Nas revisões bibliográficas realizadas até aqui, encontrei pesquisas aplicando o *storytelling* na matemática, na educação à distância, na educação infantil, na ecologia, no ensino de novas tecnologias, mas nada relacionando a ferramenta ao ensino das artes, de forma que usar uma ferramenta que possibilita aos estudantes interações criativas e desenvolvimento da criticidade frente ao seu cotidiano e ao mundo em que estão inseridos, para o ensino e práticas educativas nas artes será uma prática desafiadora e inovadora de pesquisa.

Partindo do lugar em que a pesquisa a que me proponho está articulada com o fazer no campo da cultura visual, que conforme Martins e Tourinho (2011), tem o potencial de indagar sobre as práticas culturais do olhar e os efeitos desse olhar sobre quem vê, onde se pode incluir imagens e artefatos do passado e do presente que dão conta de como vimos e como somos vistos por esses objetos, sendo que a era pós-moderna amplia objetos de estudo que podem fazer parte das aulas de artes, o conceito do *storytelling visual* se insere nesse campo, como experiência não acabada e na compreensão de que o mundo não é finito, em possibilidades de contar histórias por meio de imagens. A abordagem da pesquisa se insere num lugar em que se possibilita o sujeito pensar o seu lugar e suas relações com a arte, imagem, cotidiano, memórias e educação. À medida que o campo de indagação da cultura visual não se limita a análise do artístico, antes compreende amplas dinâmicas culturais.

² Processo de ensino que coloca o aluno como protagonista de sua própria aprendizagem.

Segundo Martins e Tourinho (2011), a metodologia da cultura visual, possibilita o hibridismo das ações, possibilitando abordagens teóricas e criativas, que se conectam ao objetivo da pesquisa apresentada.

A potência das imagens e artefatos visuais das oficinas de *storytelling visual*, levarão estudantes a pensar e sentir sobre si mesmos e o que fazem. Vivemos a era da fibra ótica que tendo a espessura de um fio de cabelo humano é capaz de carregar a carga completa de um cabo coaxial de cobre com metros de espessura, esse cabo por sua vez é capaz de expandir a comunicação mundial por meio da imagética, comunicamos instantaneamente com outras partes do mundo com o apoio de imagens de alta resolução. O metaverso³ é uma realidade. O novo mundo chegou e é tecnológico, de forma que reduzir o *storytelling* a área de estudos ligados à publicidade, limita as possibilidades de pesquisas da arte-educação relacionados à cultura visual.

Diante desse novo universo é que esse projeto de pesquisa atende ao chamado de Martins e Tourinho (2011) quando cita a necessidade de construir referências teóricas e conceituais que nos auxiliem na compreensão e explicação desses fenômenos e transformações com práticas educativas que encontram a expansão, produção e circulação de artefatos e imagens que plasmam e são incorporadas às práticas e experiências visuais de estudantes jovens e adultos.

Investigar uma proposta de ação educativa com uso da ferramenta *storytelling* nas aulas de artes com estudantes da Educação de Jovens e Adultos é o principal objetivo de tal pesquisa. Ainda se faz importante deixar claro uma sequência específica de objetivos também colocados para a realização de tal pesquisa:

- Experienciar o processo criativo em artes por meio da produção do *storytelling* visual.
- Construir uma proposta pedagógica com um recurso visual contemporâneo, a partir das narrativas de vida dos estudantes da EJA.
- Possibilitar processos de subjetivação e fortalecimento de identidades de estudantes da EJA por meio da criação de narrativas visuais.
- Gerar um produto pedagógico a partir de uma proposta de ensino de arte utilizando o Storytelling.

Dos caminhos metodológicos para se contar essa história

A metodologia da pesquisa que pretendo desenvolver será a abordagem narrativa autobiográfica tendo como foco o diário de aulas. No decorrer das últimas décadas, passou-se a reconhecer no campo educacional, a importância da narrativa como metodologia

³ Terminologia utilizada para indicar um tipo de mundo virtual que tenta replicar a realidade através de dispositivos digitais. É um espaço coletivo e virtual compartilhado, constituído pela soma de “realidade virtual”, “realidade aumentada” e “Internet”.

de investigação e de desenvolvimento pessoal e profissional de professores. Para Labov (<https://www.ling.upenn.edu/1997>) “o mais importante não é focar a produção da fala ou experimentos controlados, mas entender o poder da narrativa na audiência”, para Menezes e Paiva (2008) esse apontamento foi importante, no sentido de levar a pesquisa narrativa ao patamar de metodologia para compreender a experiência humana, pois “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 18).

Nos caminhos metodológicos para pesquisas em arte, me baseio nos fundamentos da cultura visual, principalmente considerando que a imagem faz parte do nosso dia a dia, por todos os lugares em que passamos desde a nossa vida particular a nossa vida pública. Aos nossos olhos todos os dias se passam milhares e milhares de imagens, então nada mais coerente que nortear o embasamento metodológico dessa pesquisa na cultura visual. Autores como Norman Bryson (1994), Michael Ann Holly (1994), Keith Moxey (1994), Fernando Hernandez (2007) Assis (2010), Raimundo Martins (2009) e Irene Tourinho (2009) sustentam que é necessário ampliar as discussões da cultura visual, tanto os referentes que são trabalhados dentro da disciplina História da Arte quanto a própria abordagem da disciplina.

Sobre as possibilidades abarcadas pela pesquisa com enfoque na cultura visual lemos:

... a liberdade com que essas visualidades misturam materiais, processos de criação, referenciais visuais, conhecimentos, formas de representação e de mediação, conectando e miscigenando culturas, pessoas, práticas de pesquisa e de ensino, além de alterar/apagar fronteiras entre áreas de conhecimento anteriormente bem definidas (MARTINS; TOURINHO, 2011, p. 52).

Ainda Novaes (2005), aponta o poder da imagem universal como parte do ser humano desde a infância, do período pré-histórico com representações de suas caças e cultivo nas colheitas nas paredes das cavernas, tem poder de suscitar emoções negativas ou positivas e motivar as pessoas. Ao definir imagem (NOVAES, 2005, p. 21) diz: “A imagem é então a representação, de uma coisa ausente, que reproduz certos aspectos da aparência visível.” Com essa definição enxergo o diálogo entre a pesquisa a ser realizada e os caminhos metodológicos da cultura visual.

Para a construção do *storytelling visual*, as imagens serão abordadas como processos abertos, de maneira crítica, criativa e abrangente como parte de um capital cultural que constitui práticas e representações que se conectam à realidade das/dos estudantes jovens e adultos. Pretendendo explorar elementos que evidenciem como essas imagens podem contar histórias vividas, uma vez que as poéticas visuais se conjugam a fatos significativos vividos pelo artista.

A cultura visual é fundamentada pela teoria crítica (RUSH, 2001). Diante disso, as imagens de referências serão abordadas com base na cultura visual, levando os estudantes

a trajetória e os problemas que os artistas queriam imprimir em suas obras com trajetórias e problemas que vivem estudantes jovens e adultos. De forma que a prática pedagógica irá percorrer caminhos da teoria e prática, levando o estudante a compreensão e engajamento analítico, reflexivo e crítico, segundo suas trajetórias pessoais de vida e cultura.

Ainda segundo Martins e Tourinho (2011, p. 62), “a compreensão crítica demanda um olhar criativo que surpreende ao propor e visualizar desvios, atalhos, alternativas ainda não pertencentes ao repertório de formas visuais vigentes”. Esta premissa da cultura visual, será com certeza observada durante toda realização da pesquisa proposta.

A oficina de *storytelling visual* proporrá aos estudantes a criação de visualidades na perspectiva crítica e na construção de seus processos subjetivos, uma vez que estarão num lugar de práticas sociais que os coloca como sujeitos. Momentos de reflexão logo no início da prática pedagógica, bem como momentos de reconhecimento e pertencimento de suas histórias de vida e da representação dessas mesmas histórias por meio das linguagens artísticas nortearão esse caminhar, onde o/a estudante articula o que aprende com experiências de saber, para que possam não só interpretar, mas atuar no mundo. Nesse sentido cabe enfatizar as palavras de Hernandez:

Dessa maneira, uma proposta educativa a partir da cultura visual pode ajudar a contextualizar os efeitos do olhar e mediante práticas críticas (autocolonizadoras), explorar as experiências (efeitos, relações) de como o que vemos nos conforma, nos faz ser o que os outros querem que sejamos e poder elaborar respostas não reprodutivas frente ao efeito desses olhares. (HERNÁNDEZ, 2000. p. 32)

Ainda no caminho da pesquisa em artes uso aporte da *artografia*, que se originou dentro da Pesquisa Educacional Baseada em Artes e investiga as dimensões da arte como processo educativo e privilegia o texto escrito juntamente com imagens visuais, neste projeto, aplicado ao processo narrativo das histórias de vidas a serem contadas pelos estudantes da EJA. “A pesquisa parte da criação-imersão do conhecimento em movimento que faz o currículo vivo, à medida que cria um espaço propício para a aprendizagem”, conforme menciona (IRWIN, 2020, *Live YouTube*).

Na *artografia* a experiência é representada utilizando elementos estéticos e/ou artísticos para produzir saberes sobre o que a ciência em si não consegue alcançar.

A metodologia privilegia a forma artística imagética em seu corpo teórico, de forma que a elaboração visual da pesquisa anda em consonância com o registro escrito. A *artografia* possibilita a experiência de se tornar artista/investigadora/educadora no caminhar da pesquisa viva em uma metodologia ativa.

Os procedimentos de coleta e análise de dados serão baseados nas narrativas, observações, diário de registros do trabalho em sala de aula, tanto no formato escrito como no formato de registros por imagem por meio de fotografias, narrativas de histórias vividas, caixa de memórias, diários autobiográficos, desenhos e técnicas de gravura, bem como a análise de imagem.

O planejamento de execução, inicialmente foi elaborado por mim enquanto professora pesquisadora, e será apresentado aos estudantes que poderão, durante o desenvolvimento das atividades, fazer sugestões que contemplem a sua realidade e histórias de vida contadas. Não haverá interação da unidade escolar nessa etapa da pesquisa.

1ª atividade

Trabalhar o conceito de *storytelling visual* com os estudantes. Na sala de aula acessar internet com a turma, fazer pesquisa de artistas que ao longo do tempo tem contado suas histórias de vida por meio de registros em seus processos artísticos criativos. Apontar produções de referências artísticas de artistas de vanguarda como Frida Kahlo (1907-1954), Leonora Carrington (1917-2011) e Remedios Varo (1908-1963), assim como de artistas contemporâneos como Rosana Paulino (1967) e Ana Migue (1962) e referências populares como propagandas, trailers de filmes, poemas, material de jornais e revistas ou pesquisas em sites e redes sociais. Buscando a reflexão na utilização de elementos autobiográficos em suas obras de arte que evocam sentidos críticos conectados com suas histórias de vida. Como tarefa para o próximo encontro pedir que os estudantes tragam de casa elementos que os façam lembrar de suas histórias pessoais (diário, fotografias, agendas, roupas, cabelo, livros, brinquedos antigos). Observações serão anotadas no diário de aula da professora/pesquisadora.

2ª atividade

Fazer uma roda de conversa com os estudantes, seguindo a proposta da pedagógica dialógica⁴, para levantar questões relevantes das autobiografias encontradas na pesquisa da atividade anterior. Como essas obras contam momentos da história de vida desses artistas? Como cada estudante consegue relacionar fragmentos da história de vida a processos artísticos de criação desses artistas? O que vejo de mim nessa representação visual? O que diz essa imagem de mim? Como essa representação contribui na minha construção identitária como modo de ver me e ver o mundo? Após essas reflexões, será proposto um roteiro de questões importantes que servirão de escopo para refletir de forma “rizomática”⁵ para construção das suas narrativas. São elas: Com base nos elementos da sua história pessoal de vida, quais memórias surgem a você? Quais são as suas memórias mais significativas em relação a sua infância? Quais são as suas memórias culturais mais significativas? Sobre os lugares em que

⁴ Metodologia freiriana que consiste na avaliação de fatores externos na hora de trabalhar com o ensino pragmático. Isto é, ela se afasta da aula convencional e considera as experiências e os saberes que antecedem a aula, permitindo o amplo diálogo entre todos os pares envolvidos.

⁵ Ressalta-se que o conceito de rizoma “conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza [...], implica na conexão de pontos de qualquer natureza formando cadeias de ramificações” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 31), incorrendo em flexibilidade, dinamismo e abertura a outras possibilidades.

you have already lived, which are your most significant memories? Which are your most significant memories that allow you to feel joy? Which are your most significant memories of challenges that you have faced in life? Which stories can we write through these memories? After writing these stories, how can we tell them through artistic productions? Observations will be noted in the classroom diary of the professor/researcher.

3ª atividade

Workshop de Storytelling 01: Diários de histórias de vida. Cada aluno receberá um caderno que deverá ser destinado à escrita de suas memórias pessoais que foram significativas e que de alguma forma deverão ser registradas em formatos de capítulos, seguindo roteiro de questões da atividade anterior. Observações serão anotadas no diário de aula da professora/pesquisadora.

4ª atividade

Roda de conversa com os estudantes para discutir as atividades sugeridas a serem trabalhadas nas oficinas de criação para a construção do storytelling de cada estudante. As oficinas de criação sugeridas, para início das atividades de registro do *storytelling* visual, registradas no diário de histórias de vida de cada estudante, por meio do processo criativo, serão desenhos, colagens e gravuras. (Poderão a partir das sugestões dos estudantes surgir novas linguagens artísticas). Observações serão anotadas no diário de aula da professora/pesquisadora.

5ª atividade

Oficina *storytelling*: Produção audiovisual - para início das atividades de registro do *storytelling* visual, registradas no diário de histórias de vida de cada estudante, por meio do processo criativo da linguagem artística. Observações serão anotadas no diário de aula da professora/pesquisadora.

6ª atividade

Organização dos processos para a realização da Mostra de visualidades no ambiente físico e virtual metaverso, a partir das produções dos alunos.

7ª atividade

Mostra de Visualidades: *Storytelling* caminhos da vida. Uma exposição física e virtual metaverso, organizada para a comunidade escolar, no espaço da escola, de todas as obras realizadas nas oficinas de *storytelling*.

Considerações finais

Com base nas experiências vivenciadas é que proponho a investigação e pretendo encontrar respostas às questões sobre o uso da ferramenta do *storytelling* visual para desenvolver nas aulas de artes, processos de subjetivação dos alunos da Educação de Jovens e Adultos para contarem histórias de si.

Será possível confirmar se é possível construir um produto pedagógico a partir do uso dessa ferramenta que se apresenta como um recurso visual contemporâneo e com possibilidades de inserção tecnológica acima de tudo com enfoque metodológico da cultura visual.

Atestar a capacidade de possibilitar experiências do processo criativo com os alunos, inovador, partindo da experiência da cultura visual.

Sabemos bem que o caminho percorrido para a pesquisa, não terá resultados de afirmações absolutas, pois na pesquisa produziremos apenas recortes de possibilidades para o ensino das artes, vislumbrando resultados de aprendizagem significativa aos alunos jovens e adultos e que estes possam de alguma forma possibilitar aos professores mais alternativas para o processo de ensino.

Referências

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1997.

ALLEN, R. B.; ACHESON, J. **Browsing the Structure of Multimedia Stories**. San Antonio: Digital Libraries Browsing, 2000.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BULHÕES, A. M. **Territorialidades na Arte Contemporânea: Cartografia de Subjetividades**. XXII Colóquio brasileiro de história da arte. 2022.

CLANDININ, D. J. ; CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa**. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Aurélio Guerra e Célia Costa. Vol.1 Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DEWEY, J. **A arte como experiência**. Trad. Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Martins, 2010.

GOYATÁ, M. V.; TEIXEIRA, R. C. C. Analogias, metáforas e chistes na produção do desenho e da história: o contexto da sala de recursos. **Paidéia**, ano 9, n. 13, p.179-198, 2012.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual: Mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: ArtMed, 2000.

HOLLY, M. A. Wölfflin and the imagining of the baroque. *In*: BRYSON, Norman (ed.). **Visual culture: images and interpretation**. Hanover: University Press of New England, 1994. pp. 347-364.

KOBORI, N. *Storytelling como ferramenta na educação*. 2019.

KRESS, G. **Before writing: rethinking the paths to literacy**. London and New York: Routledge, 1997. 179 p.

LABOV, W. ; WALETZKY, J. Narrative analysis. *In*: Helm, J. (Ed.). **Essays on the Verbal and Visual Arts**. Seattle: U. of Washington Press, p. 12-44, 1967.

LABOV, W. Some Further Steps in Narrative Analysis. **Journal of Narrative and Life History**. v. 7, n. 1-4, p. 395-415. 1997. Disponível em: <http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/sfs.html#fnB>. Acesso em: 14 Mai. 2022.

IRWIN, L. R. **Live: A/r/tografia: uma conversa sobre Pesquisa Educacional Baseada em Arte com a Prof.^a Rita Irwin**. > <https://www.youtube.com/watch?v=rILxLY7bZZw>
> acesso em > 14 de maio de 2022.

MARTINS, R.; TOURINHO, L. (Org). **Educação da cultura visual: Conceitos e contextos**. Santa Maria: Ed. Da UFMS. 2011.

MENEZES, O.; PAIVA, V. L. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada** [en linea]. 2008, 8(2), [fecha de Consulta 7 de Noviembre de 2022]. ISSN: 1676-0786. Disponible en: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339829603001>

NOVAES, A. (Orgs.). **Muito além do espetáculo**. São Paulo: Senac, 2005.

PETTIGREW, A. Context and action in the transformation of the firm. **Journal of Management Studies**, v. 24, n. 6, p. 649-670, 1997.

RUSH, F. As bases conceituais da primeira Teoria Crítica. *In*: RUSH, Fred. (Org.). **Teoria crítica**. 2. ed. Trad. Beatriz Katinsky e Regina Andrés Rebollo. Aparecida: Ideias & Letras, 2008. p. 31-66.

SOUSA, L. B. de. **Redes de computadores: dados, voz e imagem**. São Paulo: Editora Érica. 1999.